



Fundação Universidade Federal do ABC

Pró reitoria de pesquisa

Av. dos Estados, 5001, Santa Terezinha, Santo André/SP, CEP 09210-580

Bloco L, 3ºAndar, Fone (11) 3356-7617

iniciacao@ufabc.edu.br

Projeto de Iniciação Científica submetido
para avaliação no Edital 4/2022 - PROPES.

Título do projeto: Ocupação e reivindicação de territórios pela cultura popular periférica para prática de *Slam Poetry* na Região Metropolitana de São Paulo

Palavras-chave do projeto: cultura popular periférica; Slam Poetry; território; cidadania insurgente; hip hop.

Área do conhecimento do projeto: Interdisciplinar (Dinâmicas Territoriais, Cultura)

Sumário

1 Resumo	2
2 Introdução e Justificativa	2
3 Objetivos	8
3.1 Objetivo Geral	8
3.2 Objetivos Específicos	8
4 Metodologia	8
5 Cronograma de Atividades	9
6 Referências Bibliográficas	10

1 Resumo

O presente projeto busca investigar a ocupação e reivindicação de territórios para prática de *Slam Poetry* (campeonato de poesia falada) na Região Metropolitana de São Paulo, enxergando-a como uma ação de cidadania insurgente e de enraizamento da cultura popular periférica. Para isso, esta pesquisa pretende compreender o surgimento, a expansão e as transformações do *hip-hop* enquanto movimento cultural neste território, investigando sua trajetória e ligação com os saraus periféricos, as batalhas de rima e mais recentemente o *Slam Poetry*. O projeto intenciona analisar a expansão dessas práticas culturais a partir das teorias sobre cidadania territorial e cidadania insurgente, bem como inventariar e cartografar os locais utilizados para essas atividades e as ações de ressignificação e reivindicação de espaços na Região Metropolitana de São Paulo.

2 Introdução e Justificativa

O movimento Hip-Hop, os saraus periféricos, as batalhas de rimas e mais recentemente as batalhas de poesia, conhecidas como *Slam Poetry*¹, são manifestações artísticas urbanas profundamente ligadas ao território, visto que essas práticas culturais emergem de um processo dialético de reivindicação do direito à cidade, seja transformando territórios marginalizados em espaços de potência e de problematização das condições de vida, seja modificando o imaginário dominante em culturas elitizadas, ao incorporar as demandas das pessoas da periferia e fomentando

uma interpretação crítica da realidade. Atualmente, as batalhas de poesia falada conhecidas popularmente como *Slam Poetry*, ou apenas como *Slam*, assumiram o protagonismo na Região Metropolitana de São Paulo como atividade cultural insurgente, tendo em vista que nasce intrínseca à sobreposição de saberes e mecanismos de transformação do uso do espaço, desenvolvida pela cultura popular e periférica do *hip-hop*, dos saraus, da literatura marginal e das batalhas de rima.

Um conjunto de autores e autoras vem analisando esse fenômeno. D'alva (2019) relata como o *Slam Poetry* foi ocupando os espaços e gerando impacto no Brasil, Vilar (2019) explica como o *Slam* transformou o uso da poesia para dar voz às pessoas da periferia, Freitas (2019) relaciona o *Slam* com o conceito de cidadania insurgente e como ressignifica o uso do espaço público, Silva e Losekann (2020) expõem como a prática da poesia falada dos slam's pode ser potente nas escolas e, mais recentemente Emerson Alcalde (2022) um dos primeiros slammers do Brasil e que tem sua origem artística no hip-hop e nos saraus, conta sua trajetória no movimento em seu livro "Nos corre da poesia: autobiografia de um slammer". Em outras contribuições, partindo do território, Renan Lelis Gomes (2019) demonstra como os saraus periféricos passaram a ser uma manifestação cultural importante para a periferia — perpassando por sua fonte, o hip-hop e a literatura marginal — e Silvia Lopes Raimundo (2017) aborda a cultura periférica relacionando e sua ligação com o território e a manifestação da territorialidade.

Pretendemos, aqui, analisar como a cultura popular periférica reivindica o território e a cidadania por meio das práticas insurgentes e, além disso, resgatar as transformações de suas formas de expressão até chegar no *Slam Poetry*.

A cultura do *hip-hop* — e suas ramificações (o grafite, o break e o rap) — surge com força nas periferias da Região Metropolitana de São Paulo da década de 1980, ao aparecer como amplificador dos espaços que denunciam as discriminações do dia a dia e que enriquece a crítica sobre as condições de vida estabelecidas, assim como a cultura afro, visto que "As periferias, antes quilombos, pedaço da África, acolhem a maioria dos pobres pretos" (RAIMUNDO, 2017, p. 154). Por conseguinte, o aumento do custo de vida em São Paulo era abordado no discurso das práticas culturais do hip hop, ao incendiar os movimentos por moradia com a crescente favelização. Raimundo comenta esse processo:

Em São Paulo, muitos jovens, e também alguns não tão jovens, artistas e produtores culturais têm atuado não somente como agentes importantes na construção de discursos¹ e representações da periferia, mas como militantes e articuladores bastante politizados. O ato de ‘assumir a periferia como categoria afirmativa’ expandiu refletindo não somente no hip hop, mas em diferentes movimentos sociais e artísticos que se expressam por meio da literatura, poesia, música, teatro de rua, produção audiovisual (RAIMUNDO, 2017, p. 157).

Tendo, a princípio, se originado das reuniões tradicionais de poesia, os saraus foram da alta sociedade para os espaços comuns das áreas mais pobres nas cidades, ao serem influenciados pelo engajamento do movimento hip-hop e pela crítica da literatura marginal, que foram fundamentais para o reconhecimento da periferia e a valorização do sujeito periférico, transformando assim uma expressão artística elitizada em cultura popular periférica; como o Sarau da Cooperifa², que acontece semanalmente há mais de 20 anos em um bar da periferia da Zona Sul de São Paulo (GOMES, 2019). Nesse sentido, os saraus passaram a ressignificar a ideia de periferia, amplificando as vozes dos sujeitos que reivindicam melhores condições de vida e reconhecimento de sua identidade.

Gomes conta como os saraus fizeram esse rompimento: “criando à sua maneira canais alternativos para difundir ideias próprias que não condizem com as ideologias dominantes” (GOMES, 2019, p. 30), passando assim, durante os saraus, a noção de periferia como “uma propriedade com características particulares e complexas, que lhe conferem um valor específico e que tem a qualidade, como todo bem, de poder ser exibida, intercambiada, estilizada e reconhecida” (GOMES, 2019, p. 30). Essa valorização continua e percebe o poder da oralidade para o fortalecimento da periferia, com o legado da literatura marginal e dos rappers a insurgência ecoa de forma alarmante ao protesto pelo espaço democrático, fomentando assim a prática do slam poetry.

¹ A *slam poetry* nasceu em meados dos anos 1980, em Chicago (EUA). Herdeira da vasta tradição de poesia falada que já existia nos Estados Unidos – dos *readings* dos poetas beatniks; do *spoken words* dos poetas negros, como Gil Scott-Heron, que já gravavam seus LPs bem antes da existência dos MC’s; da poesia de Langston Hughes com suas emulações dos ritmos do jazz; e, segundo alguns críticos, do projeto de Walt Whitman de alcançar o grande público através da poesia – e influenciada pelo surgimento da *performance art* dos anos 1960, a *slam poetry* (em alguns lugares dos Estados Unidos, especialmente em Nova Iorque) associou-se à cultura hip-hop e, como prática cultural diaspórica, espalhou-se pelo mundo.

Como movimento cultural de impacto nos territórios periféricos, o Slam Poetry é uma manifestação artística praticada por meio da poesia falada, da qual os moradores da periferia utilizam para expressarem seu ponto de vista acerca das causas sociais, da discriminação, das questões políticas etc. Nessas poesias, é incidente a problematização da realidade, ao abordar temas como o racismo, o machismo, a homofobia etc. vividos pela comunidade, nesse processo o movimento constitui a politização das pessoas envolvidas, já que existe uma identificação mútua pela causa de cada um (SILVA; LOSEKANN, 2020, p. 5).

O slam chegou no Brasil em 2008 com o coletivo ZAP! (Zona Autônoma da Palavra) e após 10 anos de existência, passou a exercer um impacto elevado na população da periferia, visto que sua relação com a tradição oral do país amplia o acesso, a facilidade e a aceitação da prática mesmo nos contextos urbanos (D'ALVA, 2019, p. 271). Esse impacto se sobressaiu para além da prática cotidiana comum, pois, a criação do Campeonato Nacional de Poesia Falada, SLAM BR, evidencia sua potencialidade (D'ALVA, 2019, p. 272).

A importância da cultura para a conexão entre indivíduo(s) e território se faz presente de forma intensa na atualidade — mesmo com as transformações capitalistas modernas —, seja nos espaços das horizontalidades, as áreas contínuas onde se realiza a vida cotidiana, seja nos espaços das verticalidades, que são pontos distantes entre si e que não possuem continuidade (SANTOS, 1994, p. 26). Milton Santos alertava, já no final do séc. XXI, que a tendência seria “uma união vertical dos lugares” (SANTOS, 2003, p. 287), já que os territórios passariam cada vez mais a estarem a serviço dos atores hegemônicos e do grande capital. No entanto, o autor afirma que, mesmo com a globalização feroz e os fluxos de capitais incessantes, os lugares “podem refortalecer-se horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (SANTOS, 2003, p. 287).

A cultura está presente de forma intrínseca na construção social e coletiva dos territórios. M. Santos faz uma definição desta e a exprime como:

(...) forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio, um resultado obtido por intermédio do

² Para saber mais sobre os saraus periféricos na cidade de São Paulo, ver Vaz (2008).

próprio processo de viver. Incluindo o processo produtivo e as práticas sociais, a cultura é o que nos dá a consciência de pertencer a um grupo, do qual é cimento (SANTOS, 2003, p. 81).

A vivência cotidiana no território é marcada pelo desenvolvimento de uma solidariedade orgânica e regional que se estabelece por meio dos fluxos locais e das relações sociais, além da interação dos indivíduos com as materialidades ali presentes. Por isso, as dinâmicas de territorialização provocadas pela migração e pelos atores sociais/políticos externos configuram um processo dialético que, a princípio, leva à alienação regional e à desculturização — ao assolar e desconsiderar a identificação de determinadas populações e povos com o lugar vivido e ao destroçar a solidariedade coletiva construída historicamente — mas que, no entanto, constitui uma “territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura, e mudando o homem” (SANTOS, 2003, p. 83).

Esse processo acontece também na relação conflituosa entre cultura popular e cultura de massas, pois como explica M. Santos: “Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular” (SANTOS, 2007, p. 145). Nesse sentido, a cultura popular permeia no espaço do cotidiano e ressignifica cada esfera da vida humana, ao ir de encontro com os efeitos perturbadores das forças verticais, como a globalização e o mercado, que atingem os territórios com diferente impacto, maior ou menor, isso de acordo com as especificidades e características locais.

A importância da cultura popular se manifesta diante da volatilidade do capital, da tecnicização política, da hegemonização cultural, da instrumentalização técnica etc, “pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias” (SANTOS, 2007, p. 144). Além disso, reafirma a solidariedade e a similitude das pessoas que estão presentes nesses territórios, dos quais são essenciais para produzirem e reproduzirem suas condições materiais e sociais de (sobre)vivência, já que: “Gente junta cria cultura e, paralelamente, cria uma economia territorializada, uma cultura territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada” (SANTOS, 2007, p. 144).

Sob este prisma, a Região Metropolitana de São Paulo expõe as contradições presentes na metrópole de um país periférico industrializado, pois apesar de sua

pujança econômica e de seu desenvolvimento técnico, e tecnológico ascendente, a desigualdade socioeconômica e a presença de vazios urbanos marcavam uma “modernidade incompleta”, que por sua vez resulta do “atraso das estruturas sociais e políticas” (SANTOS, 2019, p. 15). As desigualdades geraram um processo de periferização na RMSP, isso devido à intensa industrialização a partir da década de 50, dado que “muitas pessoas se deslocaram para São Paulo à procura de emprego consubstanciando-se em um grande movimento de mobilidade da força de trabalho de outras regiões do Brasil para São Paulo” (RAIMUNDO, 2017, p. 35). Raimundo explica a importância do Movimento Cultural das Periferias (MCP) para a reflexão das dificuldades enfrentadas nas periferias da região, já que: “a questão da periferia torna-se central para o movimento à medida que definem a importância de garantir um fomento específico para as áreas mais pobres da cidade” (RAIMUNDO, 2017, p. 34).

Nesse sentido, a cultura periférica além de proporcionar alternativas de problematização da realidade e meios de resistência — numa construção conjunta de saberes —, é constituída como combustível desse processo dialético de transformação do espaço e de novos imaginários. Assim, S. Raimundo explica:

Ao chegarmos à década de 1980, as periferias já concentravam a maior parte da população do município. E seus moradores sofriam infinitas privações. Na cidade [metrópole] fragmentada, as desigualdades criadas por essa lógica, assim como o racismo e a xenofobia da elite moradora das áreas mais valorizadas logo serão percebidas pelos jovens moradores desses novos bairros (RAIMUNDO, 2017, p. 154).

Essa potencialidade do hip-hop foi abordada mais recentemente por Mauricio Moysés (2022). O autor perpassa pela história do movimento nos Estados Unidos e enfatiza como os jovens negros passaram a reivindicar o território como meio de combater a hostilidade urbana decorrida das desigualdades socioespaciais, assim: “a paisagem da metrópole em decadência forneceu elementos que serviram de criatividade para a produção artística para pessoas à margem da sociedade.” (MOYSÉS, 2022, p. 40).

A trajetória da cultura popular periférica, portanto, pode ser interpretada a partir do diálogo com o conceito de cidadania insurgente mobilizado por James Holston (2013), haja vista que no Brasil os tipos de cidadanias históricas dominantes excluíram a maioria dos brasileiros dos direitos políticos, do acesso aos serviços essenciais, da habitação adequada etc. Holston aborda como a população brasileira a

partir dos anos 50 iniciou um movimento de cidadania insurgente que desestabilizou o regime de opressão das grandes cidades, ao lutarem pelo direito à moradia, por condições de vida digna, pelo direito à educação, à saúde acessível etc. Assim, o autor afirma que a insurgência “define um processo que é uma ação na contramão, uma contrapolítica que, que desestabiliza o presente e o torna frágil, desfamiliarizando a coerência com que geralmente se apresenta” (HOLSTON, 2013, p. 62).

3 Objetivos

3.1 Objetivo Geral

Investigar a ocupação e reivindicação de territórios para prática de “Slam Poetry” na Região Metropolitana de São Paulo enquanto práticas de cidadania insurgente e de enraizamento da cultura popular periférica.

3.2 Objetivos Específicos

- Compreender o surgimento, a expansão e as transformações do hip hop enquanto movimento cultural no território da Região Metropolitana de São Paulo, investigando a trajetória dos saraus periféricos, batalhas de rima e “Slam Poetry”;
- Analisar a expansão do “Slam Poetry” no território a partir das teorias sobre cidadania territorial e cidadania insurgente;
- Inventariar e cartografar os espaços utilizados para a prática do “Slam Poetry” na Região Metropolitana de São Paulo;
- Investigar ações de resignificação e reivindicação de espaços a partir do “Slam Poetry” na Região Metropolitana de São Paulo.

4 Metodologia

- Levantamento bibliográfico - restrito a fontes virtuais, em função da pandemia - tais como o acervo de periódicos da CAPES, a base Scielo, a busca integrada do Sistema de Bibliotecas da UFABC, o Google Acadêmico e portais de teses e dissertações de Universidades brasileiras;
- Realização de entrevistas semiestruturadas com organizadores de “Slam Poetry” na Região Metropolitana de São Paulo;

- Levantamento, análise de dados e confecção de mapa sobre os espaços apropriados para a prática de Slam Poetry na Região Metropolitana de São Paulo.

5 Cronograma de Atividades

- Etapa 1 – Formação para a prática científica e aprofundamento no tema*
 - Etapa 1.a. Leituras e encontros de discussão de textos em grupo, formações específicas para a prática científica, programa de leituras comuns para formação de temas pertinentes ao projeto, com reuniões semanais de grupo de pesquisa de iniciação científica;
 - Etapa 1.b. Encontros de orientação individualizada sobre o projeto;
 - Etapa 1.c. Realização de amplo levantamento bibliográfico, a partir de bibliotecas virtuais.
- Etapa 2 – Efetivação, sob orientação, das metodologias específicas do projeto*
 - Etapa 2.a. Realização de entrevistas semi-estruturadas (com aprovação anterior pelo Comitê de Ética em Pesquisa, após envio no início da vigência do projeto)
 - Etapa 2.b. Levantamento de dados;
 - Etapa 2.c. Sistematização e análise de dados;
 - Etapa 2.d. Confecção de mapa.
- Etapa 3 – Sistematização do trabalho final*
 - Etapa 3.a. Redação do relatório parcial;
 - Etapa 3.b. Redação do relatório final.

Tabela 1 – Cronograma de atividades previstas

Etapa	MÊS											
	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
1.a.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1.b.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
1.c.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2.a.	X				X	X	X	X				
2.b.						X	X	X				
2.c.								X	X			

2.d.									X	X		
3.a.					X	X						
3.b.											X	X

Posteriormente à finalização do projeto, pretende-se submeter o trabalho a congressos de Iniciação Científica.

6 Referências Bibliográficas

ALCALDE, E. ***Nos corre da poesia: a biografia de um slammer***. Independente, São Paulo, Brasil, 2022.

D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. ***Rebento***, v. 10, p. 268-286, 2019.

FREITAS, D. S. de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. ***Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea***, n. 59, p. 1-15, 2020.

HOLSTON, James. Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Companhia das Letras, São Paulo, Brasil, 2013.

GOMES, Renan Lelis. ***O relevo da voz***: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo. 191 f.. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Rio Claro, 2019.

MOYSÉS, Mauricio. ***Véi, aqui o papo é reto: o Circuito RAP do Distrito Federal***. CRV, Curitiba, Brasil, 2022.

RAIMUNDO, Silvia Lopes. ***Território, Cultura e Política***: Movimento Cultural das Periferias, Resistência e Cidade Desejada. 274 f.. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Milton. ***A Natureza do Espaço: Técnica, Razão e Emoção***. EDUSP, São Paulo, Brasil, 2003.

SANTOS, Milton. ***Metrópole Corporativa Fragmentada: O Caso de São Paulo***. EDUSP, São Paulo, Brasil, 2019.

SANTOS, Milton. ***O espaço do cidadão***. EDUSP, São Paulo, Brasil, 2007.

SANTOS, Milton. ***Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional***. Editora Hucitec, São Paulo, Brasil, 1994.

SILVA, C. R. da; LOSEKANN, C.. Slam Poetry como confronto nas ruas e nas escolas. ***Educ. Soc.***, v. 41, 2020.

VAZ, Sérgio. ***Cooperifa: antropofagia periférica***. Aeroplano, Rio de Janeiro, Brasil, 2008.

VILAR, F.. Migrações e periferias: o levante do slam. ***Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea***, n. 58, p. 1–13, 2019.